

Temporalidade e modalidade em construções hipotáticas adverbiais condicionais à luz da linguística funcional centrada no uso*

Leyla Ely**

Cláudia Andrea Rost Snichelotto***

Resumo

Este artigo apresenta uma análise do comportamento da categoria funcional de temporalidade e modalidade em construções hipotáticas adverbiais condicionais do português brasileiro escrito. Os dados foram extraídos de uma amostra restrita de 24 cartas pessoais produzidas (escritas ou trocadas) no período de 1970 a 1990 no município de Chapecó, Santa Catarina. Procedeu-se ao levantamento quali-quantitativo dos padrões de uso das categorias funcionais de tempo-aspecto-modalidade (TAM) intrínsecas às construções hipotáticas condicionais, com base no aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso. Os resultados, apesar de em número relativamente reduzido de dados, apontam a relevância de se considerar a tríade funcional na análise do enunciado condicional. O domínio TAM, em construções condicionais, normalmente, está imbricado um no outro, embora, por vezes, o falante dê ênfase a um fator específico. Vimos, portanto, que as categorias de temporalidade e modalidade estão distribuídas em um *continuum*, sendo a gradualidade apresentada conforme o relevo dado pelo falante à proposição .

Palavras-chave: Domínio funcional complexo. Construções condicionais. Modelo baseado no uso.

* Este artigo é parte da dissertação desenvolvida por Ely (2019). Essa pesquisa foi financiada com bolsa do Programa de Demanda Social CAPES e está vinculada ao subprojeto “A escrita da região oeste de Santa Catarina: variação e mudança linguística”, que recebeu o apoio financeiro da FAPESC e da UFFS (ROST SNICHELOTTO, 2018).

** Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal da Fronteira Sul (2019), bolsista PROEX/CAPES e doutoranda em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

*** Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (2009), professora titular-livre da Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil.

Temporality and modality in condition adverbial hypotactic constructions according usage-based functional theory

Abstract

This article presents an analysis of the behavior of functional categories of temporality and modality in conditional adverbial hypotactic constructions in written Brazilian Portuguese. The data were extracted from a restricted sample of 24 personal letters produced (written or exchanged) between 1970 and 1990 in Chapecó, Santa Catarina. A quali-quantitative survey of the usage patterns of the tense-aspect-modality functional categories (TAM) intrinsic to the conditional hypothetical constructions was carried out, based on the theoretical contribution of Usage-Based Functional Linguistics. The results, despite in a relatively small number of data, show the relevance of considering the functional triad in the analysis of the conditional statement. The domain TAM, in conditional constructions, usually, is overlap with each other, although, in some times, the speaker gives emphasis on a specific factor. Therefore, we have seen the categories of temporality and modality are located in a continuum, the graduality being presented according to the emphasis of the speaker given to the proposition.

Keywords: Complex functional domain. Conditional constructions. Theory usage-based.

Recebido em: 30/04/2020

Aceito em: 24/07/2020

Introdução

Este artigo investiga, a partir do modelo teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), especialmente de vertente norte-americana (GIVÓN, 1995; 2001; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; BYBEE, 2010; 2016, para citar alguns), o comportamento das categorias funcionais de temporalidade e modalidade em construções hipotáticas adverbiais condicionais em uma amostra restrita de cartas pessoais do português brasileiro (PB) contemporâneo.

As gramáticas tradicionais (BECHARA, 2009; ROCHA LIMA, 2011) tendem a restringir a leitura das construções condicionais a atributos formais e semânticos. Os primeiros dizem respeito à presença de determinadas conjunções (ou locuções conjuntivas) subordinativas (se, só se, exceto se, contanto que, desde que, dado que, etc.) e ao emprego da categoria de tempo-modo verbal (futuro do subjuntivo (FS) e/ou presente do indicativo (PI)) característico do esquema condicional. Os segundos abrangem a relação semântica causal entre as proposições. Apresentamos, abaixo, duas ocorrências que exemplificam a estrutura condicional:

1) **“Se você quiser ir lá no centro, eu vou quinta-feira, dia 28/09/78 [...]”** (CEOM/VMPOSC r.03F, 1978, cart.13).¹

2) **“[...] agora não | tenho mais razões para | viver, estou louca**

¹ Identificamos cada ocorrência extraída das cartas pessoais da seguinte forma: a sigla CEOM indica Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina e VMPOSC remete ao projeto Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina (ROST SNICHELOTTO, 2012). Na sequência, enumeramos os remetentes da carta, por exemplo, r03 é o terceiro remetente da amostra; o sexo/gênero F (feminino) ou M (masculino) do remetente; o ano em que a carta foi escrita; e a identificação do número da carta para efeito de arquivamento no projeto. Ressalta-se que, na transcrição das cartas, conservamos a escrita original quanto aos aspectos gramaticais e ortográficos. Também atribuímos codinomes aos participantes da interação, a fim de manter o anonimato dos envolvidos, embora o material analisado seja de domínio público.

desde que soube de meus 30 | dias, para retirar-me da | firma.”
(CEOM/VMPOSC, r.01F, 1976, cart.05).

Em termos formais, a construção condicional em 1) ocupa posição anteposta à principal. A prótase é encabeçada pelo conectivo condicional “se” e emprega perífrase verbal (quiser ir) no FS, seguida da apódose cuja forma verbal (vou) se encontra no futuro do indicativo; 2) por outro lado, ocupa posição posposta à principal. A apódose apresenta forma verbal no PI, e a prótase, que é introduzida pela conjunção subordinativa “desde que”, leva a forma verbal no pretérito perfeito do indicativo. Em termos semânticos, as construções em 1) e 2) mantêm uma relação causal entre as proposições (prótase e apódose), isto é, expressam uma causa para realização seguida da consequência/resultado. Cabe uma ressalva em relação à construção 2): a conjunção subordinativa “desde que” aciona tanto o sentido condicional quanto o temporal.² Se analisarmos a construção “estou louca desde que soube de meus 30 dias” separadamente, parece-nos que temos uma construção temporal. Entretanto, considerada a dimensão contextual da construção, nota-se que há um valor condicional imbricado no enunciado, pois a remetente aponta para o motivo de não ter mais razões para viver. Logo, é possível a leitura condicional de “Desde que soube de meus 30 dias, não tenho mais razões para viver”. A partir dessa leitura, a oração da prótase (“desde que soube de meus 30 dias”) indica a causa hipotética que serve como contingente para a validação da consequência enunciada pela apódose (“não tenho mais razões para viver”).

² Para distinção detalhada entre o significado temporal e condicional das construções hipotáticas, consulte-se Sousa (2009).

Ao inserir parâmetros funcionais na descrição condicional, 1) e 2) podem ser interpretadas da seguinte forma: (i) no domínio da temporalidade,³ 1) expressa o tempo futuro, por meio das formas de FS e do indicativo. As formas verbais “quiser ir” e “vou” parecem codificar o aspecto imperfectivo, já que trazem consigo uma ação futura não concretizada. Em 2), a marcação temporal é de presente, pois o verbo “tenho” expressa um fato atual no PI. O aspecto perfectivo é veiculado por “soube”, em razão de o estado de coisas conduzir para um desfecho da ação: “não tenho razões para viver”, ou seja, o fim da vida; e (ii) no domínio da modalidade, ambas as ocorrências veiculam a atitude epistêmica: 1) expressa uma possibilidade frente à proposição, e 2) aproxima-se da noção *realis*/factualidade: a situação não é fato, porém tem boa probabilidade de ser, ou a situação não é fato e jamais será. Tais interpretações corroboram a afirmação de que as categorias de tempo-aspecto-modalidade⁴ se imbricam e operam diretamente no significado das construções condicionais (FREITAG, 2010; BITTENCOURT, 2014; ELY; ROST SNICHELOTTO, 2020).

Pensando na descrição mais ampla do fenômeno condicional,⁵ elaboramos a seguinte questão que orientará este estudo: qual o padrão de uso das construções condicionais da amostra acionado pela tríade tempo-aspecto-modalidade? Por se tratarem de escritos suicidas, conforme detalhamos abaixo, pressupomos que as construções condicionais da amostra deixem proeminente a temporalidade futura (tempo futuro/ aspecto imperfectivo) e a modalidade epistêmica. Esta última

3 Como especificamos adiante, a exemplo de Coan e Back (2014), as categorias de tempo e aspecto serão tratadas no domínio da temporalidade.

4 Optamos por reunir essas três dimensões com o hífen porque entendemos que são categorias interconectadas e porque o indivíduo, por razões pragmáticas, pode privilegiar uma ou outra, a depender do contexto (COAN; BACK, 2014).

5 Em razão da complexidade do fenômeno, autores como Hirata-Vale (2005), Oliveira (2009; 2019) e Braga e Paiva (2019), para citar alguns, expandiram a descrição das construções condicionais para além do que se encontra nas prescrições normativas.

predominantemente em contextos *irrealis*/não factuais, por conta da incerteza e/ou da dúvida do falante e da (im)possibilidade da realização do fato enunciado frente à proposição.

A amostra analisada é composta por 24 cartas pessoais do subgênero “cartas de adeus”⁶ escritas (ou trocadas) por pessoas que se suicidaram em Chapecó ou imediações entre os anos 1970 e 1990. Esse material, cujo acesso é de domínio público, compõe o arquivo de inquéritos policiais do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM). Nossa análise é de cunho exploratório, essencialmente qualitativa, com suporte quantitativo, embora reconheçamos que os dados da amostra são relativamente reduzidos. Consideramos o critério da produtividade (BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), ou seja, a frequência de ocorrência *type*/tipo construcional e a frequência de ocorrência *token*, visto que é importante para a definição dos padrões construcionais da língua.

Este artigo está organizado da seguinte forma: além desta Introdução, apresentamos uma breve descrição das construções hipotáticas condicionais do PB, seguida de breve revisão teórica sobre conceitos básicos e categorias analíticas da LFCU. Após caracterizarmos um a um o domínio complexo tempo-aspecto-modalidade (TAM), passamos à análise e à discussão da codificação condicional da amostra segundo o domínio funcional de TAM.

2 Construções hipotáticas condicionais do PB

As construções condicionais do PB são, tradicionalmente, descritas a partir da estrutura condicional prototípica representada

⁶ Informações mais detalhadas acerca dessa amostra podem ser encontradas em Ely (2019).

por “Se p, (então) q”, em que a conjunção “se” encabeça a oração subordinada (NEVES, 1999; ROCHA LIMA, 2011). A definição dos condicionais, nas gramáticas normativas, é pautada pela dependência sintática entre a proposição subordinada (prótase) e a principal (apódose), e, nas gramáticas descritivas, se define pela relação semântica de causa > consequência entre as proposições.

Numa perspectiva funcional, contudo, as construções condicionais estabelecem uma relação de interdependência entre as proposições (prótase e apódose), com o entendimento de que sua categoria ultrapassa os limites de dependência, assemelhando-se, inclusive, a outras construções, por exemplo, às temporais e às causais. Dessa forma, o que vai definir uma construção condicional é a gradiência entre +/- dependência e +/- encaixamento entre as cláusulas (HOPPER; TRAUGOTT, 2003), que, neste caso, encontra-se em uma relação de interdependência e não encaixamento entre as proposições.

Além da gradiência, há de se levar em conta outros aspectos na descrição das construções condicionais: o emprego de conjunções e locuções conjuntivas (por exemplo: se, só se, somente se, desde que, dado que, contanto que, exceto se, entre outros); a forma verbal (simples ou perifrástica); o tempo-verbal; e a ordem das cláusulas (anteposta ou posposta) (OLIVEIRA, 2008; 2014; 2019; OLIVEIRA; HIRATA-VALE, 2017). Além de introduzida pela conjunção “se”, a estrutura condicional + principal exemplificada a seguir constitui-se como a mais recorrente no PB (NEVES, 1999):

3) **“Se tu não queres namorar comigo seja au menos minha amiga.”** (CEOM/VMPOSC, r.07M, 1986, cart.23).

Já no âmbito funcional, as proposições condicionais estabelecem uma condição para a realização de um fato/evento que é a consequência da oração subordinada (NEVES, 1999). Outros aspectos semânticos importantes e que merecem atenção são: tipo da construção (factual, contrafactual, eventual), contexto de uso (*realis* e *irrealis*), expressão temporal (presente, passado, futuro) e modalidade (deôntica ou epistêmica):

4) “Aqui aonde estou é bom mais também é brabo estou no quinto andar e **sair daqui só se for de paraquedas** porque a porta do elevador está sempre chaviada.” (CEOM/VMPOSC, r.05M, 1979, cart.16)

Essa construção possui uma estrutura condicional atípica, pois é introduzida pelo conector “só se”. Esse conector impõe um sentido restritivo à construção: 4’): “Se e somente se for de paraquedas para sair daqui”, o que se configura como uma oração bicondicional. (OLIVEIRA, 2008). A ordem de 4) é a inversa (principal > subordinada) seguida da forma verbal simples no infinitivo cuja referência temporal é de tempo presente. Além disso, a construção localiza-se na eventualidade, pelo fato de apresentar um fato eventual, improvável, localizado no contexto *irrealis*. Por sua vez, a incerteza e a (im)probabilidade do remetente sobre sua saída do quarto de hospital acionam a modalidade epistêmica, uma vez que o enunciado está voltado ao autor da carta.

Feita essa breve descrição sobre os aspectos formais e funcionais que constituem as construções condicionais do PB, passemos à caracterização da perspectiva teórica da LFCU, que dará suporte a este trabalho.

3 Linguística Funcional Centrada no Uso⁷

A LFCU é uma atualização da perspectiva funcional norte-americana (GIVÓN, 1995; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; BYBEE, 2010; 2016) e integra pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva, principalmente os da Gramática de Construções. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Para a LFCU, a capacidade linguística deriva de processos cognitivos de domínio geral, que não são específicos da linguagem humana. (BYBEE, 2010). Assim como os indivíduos selecionam e organizam conhecimentos de mundo, como a classificação de objetos ou a categorização de membros da família, por exemplo, também o fazem com as categorias e estruturas linguísticas. Esses conhecimentos cognitivos são diversos e se aplicam à maneira como categorizamos e reconhecemos os elementos da língua. É nesse sentido que os usos linguísticos (e não linguísticos) impactam a representação cognitiva do usuário. (OLIVEIRA, 2019).

Conforme Traugott e Trousdale (2013), a experiência linguística dá forma à gramática, que, como dito, é organizada cognitivamente. Nessa perspectiva, a gramática é formada por padrões recorrentes de construções linguísticas, que são pareamentos de unidades simbólicas de forma-significado. A construção é uma unidade simbólica porque é constituída por uma parte indivisível, composta pela forma e pelo significado, havendo correspondência interna entre ambos.

No caso das construções condicionais, a forma abstrata representada na mente dos falantes pode ser pensada a partir do

⁷ Devido à restrição de espaço, não apresentamos em detalhe conceitos básicos e categorias analíticas da LFCU, sugerimos ao leitor interessado que consulte, por exemplo, Cunha, Bispo e Silva (2013).

seguinte esquema: (CONNECT) [(Y) VP (C)] < > ([[Y) VP (C)]) (ELY; ROST SNICHELOTTO, 2020), em que o *slot* de *connect* é ocupado por diferentes conectores (se, só se, só, desde que, por exemplo) ou pela ausência dele, (Y) representa o lugar de sujeito que pode ou não ser preenchido, VP se refere ao *slot* ocupado pelo verbo e pelas formas verbais e (C) é o complemento ou objeto da oração, cujo emprego é variável. O significado geral pode ser interpretado a partir de “Se X causa Y, Y será a consequência de X”.

A identificação dos padrões construcionais pode ocorrer a partir da propriedade gradiente denominada produtividade, que é uma categoria de análise. Conforme Bybee (2010), a produtividade está relacionada à frequência de *type* (tipo) e à de *token* (ocorrência). A primeira diz respeito à quantidade de expressões que um determinado padrão construcional abrange. A segunda refere-se ao número de vezes que a mesma unidade construcional ocorre no contexto discursivo. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Para Bybee (2010), esse controle é importante para verificarmos o nível de rotinização e de cristalização semântica da construção, pois uma vez que seu uso é produtivo, também será recorrente na língua e fixado/entrenchado cognitivamente (*entrenchment*).

4 Categoria funcional de tempo-aspecto-modalidade

Discorreremos, nesta seção, sobre as categorias de TAM, com vistas a contemplar o objetivo proposto de compreender como essa tríade atua no significado das construções condicionais de nossa amostra. Givón (1995) trata as categorias como subsistemas gramaticais que compõem amplo domínio funcional nomeado

de TAM. Segundo o autor, esse domínio tende a ser codificado como morfologia verbal, visto que suas funções pertencem a estados e/ou eventos codificados pelo verbo. Assim como propõe Givón (2001), abordaremos cada categoria separadamente, por conta dos traços semânticos referidos ao verbo, embora compreendamos que elas estejam inter-relacionadas.

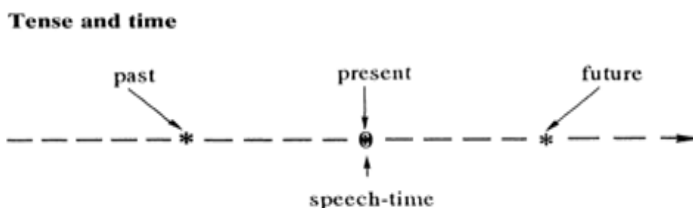
4.1 Tempo/temporalidade

O tempo verbal é codificado de diferentes formas nas línguas naturais, apesar de haver línguas que sequer exibem essa categoria. Nas línguas em que ocorre, a marcação do tempo pode ser expressa por meio de uma grande variedade de advérbios e locuções adverbiais, de conjunções e locuções conjuntivas e também pelo contexto, por exemplo. (FREITAG, 2010; 2011). No caso do PB, a marcação de tempo, normalmente, se dá pela flexão verbal, ou por advérbios e locuções adverbiais, ou por conjunções, entre outras possibilidades. (CORÔA, 2005; ILARI, 2018).

Segundo Freitag (2010; 2011), o tempo verbal, geralmente, não expressa o fluxo do tempo, mas simplesmente sinaliza uma sequência de eventos ligados à anterioridade, à simultaneidade e à posterioridade/futuridade. Os tempos do verbo, conforme Corôa (2005), são tomados por três pontos temporais referenciais, propostos inicialmente por Reichenbach (2011): momento da fala (MF), momento do evento (ME) e ponto de referência (MR). O primeiro (MF), ligado ao ato da comunicação e à pessoa do discurso, condiz com o momento (real ou irreal) em que o enunciado é pronunciado. O segundo (ME) é o tempo da realização do predicado, isto é, é o tempo em que se dá o evento

descrito. Por fim, o último (MR) remete aos acontecimentos naturais ou históricos, os quais a autora chama de “tempo dos relógios e calendários”. (CORÔA, 2005, p. 9). Essa marcação da referência temporal está representada na FIG. 1 proposta por Givón (1993):

Figura 1 - *Tense e Time*



Fonte: GIVÓN, 1993, p. 148.

Na FIG. 1, a expressão de tempo pode ser entendida a partir de uma dimensão linear marcada por um ponto referencial definido pelo observador. Nesse sentido, temos o presente (que ocorre simultaneamente à enunciação), o passado (o qual possui relação de anterioridade ao evento da enunciação) e o futuro (posterior ao momento enunciativo). Essa relação é descrita por Givón (1993) como o tempo (*tense*), que envolve a dimensão *time*. *Tense* é a categoria linguística (gramatical) que remete ao tempo verbal, isto é, “a experiência/conceito de Tempo como pontos numa sequência, correlacionando-se às noções de precedente e subsequente” (COAN; BACK, 2014, p. 260); e *time*, por outro lado, é um conceito extralinguístico de dimensão mais abstrata correspondente à entidade experiencial (BITTENCOURT, 2014). O PB é uma língua que se utiliza da categoria *time* e *tense* para situar um enunciado temporalmente.

Nas construções hipotáticas condicionais do PB, objeto de análise deste artigo, a indicação de tempo nem sempre é feita pelo tempo gramatical (*tense*), mas sim pela natureza imaginária do falante, ou pelo contexto discursivo em que ocorre (DANCYGIER; SWEETSER, 2005), por exemplo: “quando há o desejo de codificar um tempo passado em relação ao momento de fala e um futuro a um momento de referência” (OLIVEIRA, 2016, p. 71), devido à variedade de categorias. Além disso, em determinados usos construcionais, não fica evidente o ponto de referência temporal, é, pois, o contexto da situação comunicativa entre os falantes que indica o marcador de referência. (BRITO, 2014; COAN; BACK, 2014; OLIVEIRA, 2016). Exemplificamos a marcação de tempo com uma construção hipotática condicional de nossa amostra:

5) “[...] **se eu fosse no baile e dançasse com você ela (mãe) não me levaria mais.**” (CEOM/VMPOSC, r.03F, 1978, cart.12).

A construção condicional de 5) apresenta as formas de pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse e dançasse*) na prótase e futuro do pretérito do indicativo (*levaria*) na apódose, ambas nas formas finitas. Nesse caso, o domínio temporal da condicional expressa futuramente, pois as proposições decorrem da suposição futura sobre um evento passado (*baile*). A autora da carta, ao escrever “se eu fosse no baile e dançasse com você”, afirma que o ato de ir ao baile, ou de dançar com o destinatário, não ocorreu, tendo em vista que essa era a condição de a mãe não a levar, numa oportunidade futura, a outras festas. Essa leitura somente pode ser feita se considerarmos a temporalidade no contexto enunciativo em que a construção foi escrita.

Conforme Oliveira (2016), o pretérito imperfeito do indicativo pode “exercer tanto um valor temporal relativo de passado como pode atuar com valor temporal de futuro do pretérito quando o contexto se referir a construções hipotéticas contrafactuais”, como em 5). Destacamos, ainda, que, quando o ponto de referência não está explícito na construção analisada, podemos acioná-lo no contexto linguístico ou extralinguístico. O que está sendo focalizado, portanto, é a temporalidade, que visa a compreender como o *time* pode ser codificado através das várias estratégias linguísticas ou pode ser recuperado por meio do contexto discursivo das construções condicionais.

4.2 Aspecto/aspectualidade

O aspecto, ao lado do tempo, não é marcado exclusivamente por um elemento gramatical nas línguas naturais, mas por uma variedade de categorias (aspecto inerente ao verbo, aspecto codificado pela morfologia verbal, aspecto codificado pelos modificadores adverbiais) que interagem entre si. (FREITAG, 2010). “Há línguas, porém, em que o aspecto tem muito mais importância do que o tempo, e, por isso, trazem marcas formais de aspecto.” (BAGNO, 2012, p. 548). No PB, a distinção entre aspecto⁸ e tempo não é muito clara, tendo em vista que ora o aspecto é marcado formalmente, ora é expresso de outra maneira. (BAGNO, 2012, p. 548). No caso das orações condicionais, o aspecto se manifesta pela morfologia verbal e pelos modificadores adverbiais, contudo, estes podem ser enfraquecidos ou ter sua atualização restringida, por conta da presença da expressão temporal ou da modalidade, a depender

⁸ Para mais detalhamento sobre aspecto no PB, consulte Castilho (2010, p. 417-431).

do foco que o falante dá à construção. (COAN; BACK, 2014).

Normalmente, o domínio da aspectualidade é considerado a partir de duas perspectivas: tipo de situação (aspecto lexical do verbo) e visão do falante da situação codificada pela marcação tempo-verbal (visão perfectiva ou imperfectiva). Travaglia (2014, p. 42) explica que “o aspecto é um tempo interno da situação”, ou a fase de desenvolvimento ou modificação da ação, que pode referir-se à categoria situacional da perfectividade ou da imperfectividade. A perfectividade é sinônimo de sequencial e, normalmente, apresenta uma situação completa/concluída; a imperfectividade, por sua vez, está ligada à simultaneidade das situações. (GIVÓN, 2001).

O destaque à situação dado pelo falante influencia a marcação aspectual. Nesse sentido, o estado perfectivo se define pela noção de acabamento (o produto), segundo Castilho (2010 *apud* TRAVAGLIA, 2014), porque focaliza os pontos iniciais e finais da situação. “É caracterizado pela perspectiva global da situação, que é expressa fechada, formando uma unidade ou conjunto, cuja constituição interna não interessa referir ou especificar”. (FREITAG, 2010, p. 151). O estado imperfectivo, por outro lado, caracteriza-se pela duração da situação, que pode ser expressa por diferentes nuances da temporalidade interna do enunciado, porque enfatiza o desenvolvimento (o processo) da situação descrita (ação cursiva). (CASTILHO, 2010 *apud* TRAVAGLIA, 2014).

Relativamente ao aspecto lexical (tipo de situação), considerando a raiz verbal, este verifica verbos indicativos de **atividade** como “andar”, “caminhar”, “correr”, “ler”, “estudar” e “trabalhar”; os *stative verbs*, que são verbos de longa duração, isto é, que não apresentam limites visíveis, é o caso de “ser feliz”,

“estar cansado”, “desejar”, “crer”, entre outros; os verbos que têm uma duração mais extensa (finalizar, sentar, nascer e morrer), chamados de *accomplishment verbs*; e os que se referem aos verbos de curta duração e com limites traçados, como: “tossir”, “piscar”, “cuspir” e “elogiar”. (GIVÓN, 2001).

Exemplificamos a marcação aspectual em uma construção hipotática condicional de nossa amostra:

6) “[...] **se eu tivesse ficado aqui com você Sílvia, eu não tinha feito [...]**.” (CEOM/VMPOSC, r.04F, 1978, cart.14).

Nessa construção, no domínio funcional do tempo verbal, encontramos o emprego do pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo (tivesse ficado) na prótase e do pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo (tinha feito) na apódose. Ambos comportam o aspecto perfectivo, uma vez que a situação pode ser vista como concluída. Essa visão da situação ocorre em função de sua delimitação e conclusão, ou seja, o fechamento sobre a possibilidade de a remetente morar com a destinatária.

Todavia, nem todas as construções condicionais do PB atualizam valor aspectual, estando mais fortemente ligadas à expressão temporal. Nesse sentido, propomos, neste artigo, aliar a análise do tempo e do aspecto a uma única variável, denominada por nós de temporalidade, embora reconheçamos que as categorias de tempo e aspecto não devam se confundir. (BAGNO, 2012).

4.3 Modalidade

A modalidade é codificada nas línguas por meio de paradigmas morfológicos, de advérbios, verbos modais (como

dever e precisar), entre outros recursos linguísticos. (GIVÓN, 2002). A modalidade é uma categoria pragmática e cognitivamente orientada. Liga-se a fatos e desejos expressados pelos falantes no ato comunicativo, ou seja, marca a atitude do falante frente às proposições enunciadas. (BITTENCOURT, 2012). No caso das orações condicionais do PB, esses julgamentos podem ser codificados pelos advérbios, ou até mesmo pelos tempos e modos verbais.

A modalidade recobre, então, a perspectiva e a intencionalidade do falante. (GIVÓN, 2002). Nas palavras de Palmer (2001), a modalidade é uma categoria associada à natureza do evento em si. Logo, sinaliza o *status* da proposição na qual se descreve o evento. A modalidade é uma categoria bipartida segundo duas atitudes centrais: a epistêmica e a deôntica. O contexto epistêmico, segundo Givón (2002), envolve julgamentos como verdade, probabilidade, certeza, crença ou dúvida; e o deôntico, por sua vez, é marcado pelo desejo, pela obrigação, intenção, manipulação ou preferência do falante. Vejamos alguns exemplos da amostra que permitem a leitura epistêmica e deôntica, respectivamente, das construções condicionais:

7) “**Jair** se acalme e não cometa locura nenhuma, nós somos novos e temos muito o que passar, e **se você fizer alguma coisa eu é que ficarei com remorsos e tristeza [...]**.” (CEOM/VMPOSC, r.03F, 1978, cart.13).

8) “**Desculpe se eu me apaixonei pela pessoa errada** | igualmente me mande sua resposta, | pois estou esperando-a com esperanças | de que você goste de mim.” (CEOM/VMPOSC, r.07M, 1986, cart.23).

Em 7), na dimensão temporal, observa-se o emprego do futuro do subjuntivo (fizer) e do futuro do presente do indicativo (ficarei), respectivamente, na prótase e na apódose. Tais enunciados projetam a asserção ao futuro, pois o remetente fala de um possível acontecimento que, caso se realize, será em um futuro próximo. É lançada uma hipótese ancorada num evento futuro, que se encontra posterior ao MF. Apesar de haver localização temporal, essa construção se aproxima mais da modalidade epistêmica, por conta do julgamento feito pelo remetente da carta frente à proposição. Nessa dimensão, a remetente expressa uma incerteza (atitude epistêmica) sobre acontecimentos futuros relacionados às atitudes de Jair, sendo o significado das proposições dependente do contexto. Por outro lado, em 8), no domínio temporal, a apódose apresenta uma forma verbal finita no imperativo (desculpe), e a prótase ocorre no tempo pretérito perfeito do indicativo (apaixonei). A construção condicional veicula um julgamento deôntico, pelo fato de o remetente ter a intenção de desculpar-se com o destinatário, o que permite uma postura do interlocutor acerca da proposição.

Givón (1995) redefine o tratamento da modalidade epistêmica segundo quatro modalidades proposicionais da tradição lógica aristotélica: i) verdade necessária (pressuposição) e ii) verdade factual (asserção *realis*), referentes às condições das proposições como “fato”; e iii) verdade possível (asserção *irrealis*) e iv) não verdade (asserção negativa), condizentes ao “não fato”. Na abordagem funcional de Givón, a modalidade passa a ser verificada no contexto comunicativo por meio da atitude do falante. O equivalente comunicativo de i) pressuposição, segundo Freitag (2010), relaciona-se com a

verdade assumida pelo falante e pelo ouvinte frente à proposição, que deve estar em acordo entre falante e ouvinte; já ii) asserção *realis*, a proposição é afirmada como verdadeira (há evidências para que o ouvinte defenda suas crenças) pelo falante, contudo o ouvinte pode contestar essa afirmação; iii) asserção *irrealis* pode se localizar no submodo epistêmico, quando a proposição é fracamente declarada como possível ou provável, ou no submodo deôntico, quando a proposição é considerada como necessária, desejada ou indesejada — neste caso, o ouvinte pode contestar a informação enunciada; e, por fim, iv) asserção negativa que apresenta uma proposição fortemente afirmada como falsa, pois o ouvinte possui crenças contrárias às que foram assumidas pelo falante. Essas possibilidades são verificadas a partir do comprometimento do falante frente à proposição enunciada.

A seguir, apresentamos as análises da categoria funcional de temporalidade e modalidade nas construções condicionais da amostra.

5 Temporalidade e modalidade em construções condicionais do PB

Antes de passarmos ao detalhamento da análise das construções condicionais propriamente dita, identificamos três aspectos em nossa amostra que merecem destaque: i) recorrência de construções hipotáticas condicionais iniciadas por “se”; ii) recorrência da anteposição da prótase; e iii) diversidade de correlação modo-temporal na estrutura condicional.

Na amostra de 24 “cartas pessoais de adeus”, identificamos 28 construções hipotáticas adverbiais que permitem a leitura

condicional.⁹ Para efeitos de análises deste artigo, foram considerados os seguintes fatores linguísticos: (i) temporalidade, que diz respeito à expressão temporal (presente, passada ou futura) e à aspectualidade; e (ii) modalidade, que se refere a julgamentos (epistêmico ou deôntico) e contextos (*realis* ou *irrealis*).

Iniciamos com a exemplificação da categoria de temporalidade nas construções condicionais da amostra. A seguir, observemos a expressão temporal de futuro:

9) [Temporalidade Futura] “**Ana** ja estou pensando que vou | fazer da minha vida quando | eu sair daqui, porque ia em Chapecó | **se não for para viver com vocês não | quero mais nem me pintando de ouro,** | eu dum lado da cidade com a | vida triste e vocês do outro! [...]” (CEOM/VMPOSC, r.05M, 1979, cart.16).

10) [Temporalidade Futura] “[...] **se nós quando formos bem mais velhos e adultos, com | a nossa idade, e nos amarmos | ainda, eles não vão se opor, | ficar contra,** eu já tive uma | séria conversa com eles e cheguei | a conclusão que devemos esperar | nossa idade.” (CEOM/VMPOSC, r.03F, 1978, cart.13).

Em 9) e 10), na dimensão temporal, tem-se o emprego do FS, na prótase, e do PI, na apódose. Tais enunciados projetam a asserção para o futuro, pois o autor fala de um possível acontecimento que, caso se realize, será em um futuro próximo, no caso de 9), ou em um futuro mais distante, como em 10). Essas afirmações são feitas com base no contexto discursivo maior, já que, em 9), “viver com vocês” é um planejamento futuro que se realizará após a saída do remetente do hospital

⁹ Embora cientes da limitação quantitativa de dados coletados para nossa análise, cremos que qualitativamente possam apontar padrões de uso do comportamento dessas categorias funcionais instauradas pelas construções condicionais da amostra.

(uma vez que se encontra internado no momento da produção da carta). Por outro lado, a ocorrência 10) apresenta a possibilidade futura de (quando) os participantes da carta ficarem juntos, não haverá oposição por parte dos pais. Chamamos a atenção para o uso da conjunção temporal “quando”, que mostra uma intervenção das construções hipotáticas adverbiais temporais na leitura condicional e vice-versa. As duas ocorrências permeiam o estatuto *irrealis* da construção.

Na sequência, localizamos a marcação temporal de presente nas ocorrências da amostra:

11) [**Presente**] “**Joana eu não sei, se você sente o mesmo por mim, porém tanto faz.**” (CEOM/VMPOSC, r.07M, 1986, cart.23).

12) [**Presente**] “[...]o meu endereço daqui (do hospital) não | vou mandar porque não sei até | quando vou ficar aqui, mais se | **queres responder é fácil o | endereço é (Rosa Park hotel > Central Paraná)** [...].” (CEOM/VMPOSC, r.05M, 1979, cart.16).

Em 11) e 12), o tempo expresso é o PI, sendo o ME simultâneo ao MF. Os contextos em que as construções se inserem também condizem com o tempo presente, o que veicula um caráter mais factual à proposição. Por essa razão, as ocorrências atuam mais próximas da dimensão da modalidade *realis*. Nelas, a relação da proposição com a expressão temporal é de simultaneidade ao MF, em que o locutor faz uso de formas verbais finitas no presente, bem como descreve, na sequência do enunciado, situações do momento atual. Mais especificamente, 11) apresenta

uma proposição voltada à incerteza sobre o sentimento de **Joana** em relação ao remetente. Em 12), há uma eventualidade sobre a resposta às correspondências enviadas pelo autor.

A seguir, transcrevemos a única ocorrência da amostra que se localiza no tempo passado:

13) [**Passado**] “[...] **Se eu tivesse morado com você [...]**.” (CEOM/VMPOSC, r.04F, 1978, cart.14).

A construção de 13) é uma construção condicional incompleta,¹⁰ pois a oração principal (apódose) não está expressa. A informação da apódose, nesse caso, deve ser recuperada pelo contexto. Quanto à expressão temporal, a construção condicional está localizada em um momento anterior ao MF, uma vez que o remetente se refere à realidade passada sobre não ter morado com a destinatária quando teve a oportunidade, ou seja, uma ação concluída. Essa marcação ocorre pelo verbo na forma de pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo (tivesse morado), que vincula uma situação acabada (a possível moradia que não se concretizou). Nesse sentido, a situação ocorre em um passado que, de certa forma, está ancorado no presente, pois o remetente lamenta o decorrer dos eventos passados chegando ao momento atual, isto é, à decisão do suicídio. O contexto da construção é *irrealis*, já que o enunciado traz incertezas do remetente sobre seu passado.

Em relação a esse primeiro fator, isto é, à expressão temporal, verificamos que a composição modo-temporal das formas verbais, em alguns casos, condiz com o tempo imbricado por sua

¹⁰ Rocha Lima (2011, p. 346) caracterizou esse tipo de construção de condicional subentendida. Neves (2011, p. 855), por sua vez, explica que essas construções são sintaticamente estruturadas apenas pela prótase, e seu conteúdo constitui uma “moldura de referência condicional”.

raiz verbal, entretanto, em outros, a projeção de *time* é retomada pelo próprio contexto e não pela referência da conjugação verbal. Averiguamos, como detalhamos abaixo (Quadro 2), que o uso do PI é o tempo-modo verbal mais usado nas construções, conforme também atestaram Braga e Paiva (2019), seguido do FS. Com o controle da categoria tempo, apuramos que, quando a categoria verbal (*tense*) não condizia com a expressão temporal (*time*), o remetente projeta a ação como algo já realizado e por isso lança mão de formas de passado, quando, na verdade, condiz com uma realização futura, por exemplo. Isso ocorre porque, no imaginário de quem escreve, a decisão já está tomada (nesse caso, o ato de tirar sua própria vida) e prestes a ser concretizada, o que sinaliza o evento como certo e concluído.

Outro critério considerado refere-se ao eixo da modalidade da proposição (se deôntica ou epistêmica). Sobre isso, investigamos mais precisamente quais valores (de possibilidade, probabilidade, obrigação, polidez, etc.) se vinculam às construções condicionais da amostra. Para exemplificar, atentamo-nos aos enunciados das construções condicionais que seguem:

14) [Epistêmica] “Vendo pela pior da hipótese para eu viver lá **se desse pelo menos eu dormir lá naquela cozinha de vocês**, porque para comer já estou acostumado na base do pão e linguiça (salame) como aqui em Rosa.” (CEOM/VMPOSC, r.05M, 1979, cart.16).

15) [Epistêmica] “**Se hoje teu futuro é amargo, amanhã será doce.**” (CEOM/VMPOSC r.03F, 1978. cart.12).

Esses enunciados evidenciam o plano da modalidade do

eixo epistêmico, pois dizem respeito às crenças dos autores sobre as proposições. Em 14), o remetente aborda a possibilidade de viver em Chapecó com sua família, pois demonstra dúvida de que será aceito, por conta de seus problemas familiares. Tais atitudes envolvem incerteza sobre a receptividade da família quanto à sua volta. Já na ocorrência 15), o contexto epistêmico caracteriza-se pela visão (subjativa) que o remetente tem sobre a proposição enunciada.

Também localizamos atitudes modais deônticas em algumas ocorrências da amostra:

16) [Deôntica] “Quando terminar de ler esses garanchos testrua no fogo | porque os covardes andam por aí **só use isso como provas | para defender qualquer inocente que pode aparecer.**” (CEOM/VMPOSC, r.05M, 1979, cart.20).

17) [Deôntica] “**Se um dia souber que te esqueci, reze por mim** porque, nesse dia morri.” (CEOM/VMPOSC r.03F, 1978. cart.12/13).

Nas ocorrências 16) e 17), verifica-se uma avaliação e intenção dos autores frente à proposição enunciada, referida aos leitores das cartas. Em 16), percebe-se uma imposição sobre o destino da carta, isto é, o remetente autoriza a manipulação da carta somente para a defesa de eventuais inocentes, caso contrário, as cartas devem ser queimadas, como orienta o autor. Além disso, o contexto deôntico é reafirmado pelo modo imperativo, empregado com o intuito de pedir ou ordenar, em que o desfecho para a proposição fica em aberto. Em 17), a preferência do remetente pela marcação da modalidade fica

mais evidente (em contraste com a temporalidade), pois há uma subjetividade discursiva na suposição do evento apresentada na proposição. Novamente, vemos o uso da forma verbal no imperativo, em que o remetente volta sua atitude ao leitor da carta.

Sumarizamos, na Tabela 1, os resultados dos padrões de uso das categorias funcionais de temporalidade e de modalidade das construções hipotáticas condicionais da amostra.

Tabela 1 - Distribuição das construções condicionais do PB segundo a temporalidade e a modalidade

Temporalidade	Futura – 19 (67,86%)	Presente – 8 (28,57%)	Passada – 1 (3,57%)	28
Modalidade	Epistêmica – 19 (68%)	Deontica – 9 (32%)		28
Contextos	<i>Realis</i> – 6 (21,43%)	<i>Irrealis</i> – 22 (78,57%)		28
				Total

Fonte: Adaptado de Ely (2019).

Como demonstrado na Tabela 1, embora com uma amostra restrita de dados (28 ao todo), os resultados se revelaram interessantes, por conta de estarmos lidando com um contexto discursivo inusitado, ou seja, o contexto de “adeus”. Vale chamar a atenção, por exemplo, para a única construção condicional de expressão temporal passada. Estudos anteriores (FREITAG; ARAUJO, 2011; BRANDÃO, 2018, por exemplo) mostram que a forma passada é recorrente em condicionais, contudo, não foi uma realidade de nossa amostra. Justificamos esse fato por conta

do contexto comunicativo no qual as construções hipotáticas condicionais se inserem. Como pesquisamos o fenômeno em “cartas pessoais de adeus”, esclarecemos que os usos condicionais aludem a um contexto majoritariamente *irrealis* (78,57% dos dados), projetado para possíveis eventos após o ato de suicídio propriamente dito, mas que estão ancorados nos fatos decorrentes do passado ou do presente; ou em eventos que ocorreram no passado, mas que integram possibilidades futuras instaladas no imaginário do remetente. Essas construções criam espaços cognitivos alternativos.

Relativamente à temporalidade futura, esta predominou na amostra. Em alguns casos, a expressão futura foi dependente do contexto linguístico e do contexto comunicativo. A relação entre futuridade e condicionais é estreita, visto que alude à “capacidade que a condicional tem de projetar uma hipótese, de se referir a uma situação futura”, que ainda pode se realizar (futuro potencial) ou que poderia ter se realizado (futuro passado). (OLIVEIRA, 2019, p. 374). Por outro lado, como dito, obteve-se apenas um dado de marcação temporal passada. Esperávamos um número mais significativo de construções no tempo passado, pois, além dessa referência temporal ser possível nos condicionais, os eventos relatados nas cartas e as justificativas para o ato localizam-se predominantemente no passado. O momento presente, afiliado aos estados de coisas das “cartas de adeus”, está ligado ao próprio ato de suicídio, isto é, os relatos no tempo presente se referem, em sua maioria, aos sentimentos momentâneos, às afirmações concretas e, por isso, ocorrem em menor número quando projetados como hipóteses pelos remetentes.

Quanto ao levantamento do domínio funcional da modalidade, encontramos 19 construções inseridas no contexto epistêmico (68% da amostra), ao lado de 9 ocorrências em contextos deônticos (32% dos dados) de um total de 28 construções adverbiais condicionais. Esses resultados mostram que a atitude do remetente frente às proposições envolve, majoritariamente, opiniões e crenças dos interlocutores, os quais expõem seu entendimento de mundo e buscam, assim, comprovar seu ponto de vista sobre o evento enunciado. Esses resultados eram esperados uma vez que o contexto discursivo das cartas de adeus pressupõe atitudes como dúvida, (in)certeza, possibilidade e crença, vinculadas a contextos *irrealis*.

O Quadro 2, abaixo, ilustra os padrões de uso referentes ao tempo-modo verbal da amostra:

Quadro 2 - Tempo-modo verbal mais recorrente da amostra¹¹

Tipo de oração	Tempo-modo verbal	Total
Prótase	Futuro do Subjuntivo	13
Apódose	Presente do Indicativo	12
Prótase	Presente do Indicativo	6
Apódose	Imperativo	6

Fonte: ELY, 2019.

Os padrões de uso no quadro apontam para a preferência do FS, na prótase, e PI na apódose. Esse comportamento já foi verificado em estudos funcionalistas anteriores, contudo, alguns

¹¹ Outros usos também foram verificados, porém, em menor número, a saber: pretérito imperfeito do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, imperativo, na prótase; e infinitivo, futuro do presente do indicativo, futuro do pretérito do indicativo, pretérito mais-que-perfeito composto, futuro do presente do indicativo, na apódose; e duas orações sem apódose.

deles (HIRATA-VALE, 2005; ALMEIDA DE SOUZA, 2015) demonstram o PI como a forma mais recorrente, tanto na prótase, quanto na apódose. Por outro lado, considerando o panorama geral da composição modo-temporal, verifica-se que o PI compõe 32,14% do total da amostra, comparado a 25,00% de FS, o qual só se realiza na prótase. Conforme Almeida de Souza (2015), o emprego do FS, normalmente, expressa julgamentos epistêmicos, como dúvida, incerteza, possibilidade e eventualidade, o que é frequente no *corpus* deste trabalho, confirmando nossa hipótese. Além de apresentarem, em sua maioria, eventos não finalizados (imperfectividade). Tais atitudes contribuem com a significação do não fato (BITTENCOURT, 2014), ou de um fato que ainda não ocorreu, mas que pode vir a acontecer (contextos *irrealis*).

Em síntese, houve maior produtividade de construções condicionais no emprego verbal do FS e do PI, em que os diferentes tipos construcionais (*type*), como se, só se, só, desde que e elipse conjuncional, em nossa amostra, ligam-se mais fortemente às ocorrências (*tokens*) que expressam futuridade e que veiculam modalidade epistêmica ou contexto *irrealis*. Verificou-se que o domínio funcional de temporalidade (tempo e aspecto) e de modalidade se situam num *continuum*, visto que não são categorias discretas, conforme apontam Givón (1995), Coan *et al.* (2006), Freitag (2010). Por razões pragmáticas, o indivíduo acentua uma categoria em detrimento da outra (COAN; BACK, 2014), que, nesse contexto específico de despedida, privilegia mais fortemente a modalidade, por conta da subjetividade do falante e de suas crenças em relação ao que é enunciado. São escolhas que o indivíduo faz, consciente ou inconscientemente, para reforçar o que se pretende dizer. Em outras palavras, as categorias de temporalidade e de modalidade são inerentes ao

enunciado condicional, e a gradualidade é apresentada conforme o relevo do falante dado à proposição.

Considerações finais

Este artigo analisou as categorias funcionais de temporalidade (tempo-aspecto) e de modalidade em construções condicionais em dados escritos do PB. Pretendeu-se contribuir com a explicação da tríade de tempo-aspecto-modalidade em construções condicionais hipotáticas adverbiais numa perspectiva funcional de língua baseada no uso.

Recuperando a questão de pesquisa sobre como o domínio funcional complexo (tempo-aspecto-modalidade) atuaria na leitura condicional das construções hipotáticas da amostra de “cartas de adeus”, verificamos que a inerência da tríade funcional ao enunciado condicional se organiza a partir da gradualidade: (+) temporalidade (-) modalidade ou (+) modalidade (-) temporalidade. Confirmamos a hipótese de que os contextos predominantes na amostra seriam os *irrealis/não factuais*, os quais se ligam mais facilmente à modalidade epistêmica e à temporalidade futura. Mais precisamente, averiguamos que os enunciados são voltados à incerteza e à dúvida do falante e à vontade e à possibilidade de realização da proposição.

Para desdobramento de trabalhos futuros, pretendemos ampliar a amostra de dados com “cartas pessoais de adeus” para que possamos fazer generalizações acerca dos padrões de uso das construções hipotáticas condicionais.

Referências

ALMEIDA SOUZA, Gabriela. **Orações condicionais correlativas no português**. 2015. 111 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas (MS), 2015.

BAGNO, Marcos. **Gramática Pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BITTENCOURT, Diana Liz Reis. A construção condicional hipotética e a modalidade: uma inter-relação lógica. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 44, p. 75-96, jun. 2012. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/28128>>. Acesso em: 21 jun. 2020.

BITTENCOURT, Diana Liz Reis. **O domínio funcional do futuro do subjuntivo: entre temporalidade e modalidade**. 2014. 344 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/130946>> Acesso em: 8 out. 2019.

BRAGA, Maria Luíza. Os enunciados de tempo no português falado no Brasil. In: NEVES, Maria Helena de Moura. (org). **Gramática do português falado: novos estudos**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da UNICAMP, 1999. p. 443-459.

BRAGA, Maria Luíza; PAIVA, Maria da Conceição. Orações de tempo, causa e condição ao longo dos séculos XVIII a XXI. In: CASTILHO, Ataliba T. de S. (coord.). **História do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2019. p. 170-221. (História do português brasileiro, 5).

BRANDÃO, Sílvia Maria. **Alternância verbal em construções condicionais**. 2018. 146 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo (SP), 2018.

BRITO, Nara Jaqueline Avelar. **A expressão do condicionado contrafactual em construções “se p, então q” no português brasileiro**. 2014. 112 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal (RN), 2014.

BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, Joan. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

COAN, Márluce; BACK, Angela C. P. Identidades aspecto-temporais do pretérito imperfeito do subjuntivo. **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, p. 259-272, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8641478/8995>>. Acesso em: 4 abr. 2020.

COAN, Márluce *et al.* As categorias verbais tempo, aspecto, modalidade e referência: pressupostos teóricos para uma análise semântico-discursiva. **Estudos Linguísticos**, [s. l.], v. XXXV, p. 1.463-1.472, 2006.

CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. **O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CUNHA, Maria Angélica F. da; BISPO, Edvaldo B.; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, Maria Maura;

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. **Linguística centrada no uso: uma homenagem à Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2013. p.13-39.

DANCYGIER, Barbara. **Conditionals and prediction: time, knowledge and causation in conditional constructions**. Cambridge: Cambridge University Press, Cambridge Studies in Linguistics, 1998. v. 87.

DANCYGIER, Barbara; SWEETSER, Eve. **Mental spaces in grammar**. New York: Cambridge University Press, 2005.

ELY, Leyla. **As construções condicionais em cartas pessoais do português brasileiro: uma análise baseada no uso**. 2019. 135 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó (SC), 2019. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/3249/1/ELY.pdf>>. Acesso em: 1º mar. 2020.

ELY, Leyla; ROST SNICHELOTTO, Cláudia Andrea. Construções condicionais do português brasileiro escrito: uma perspectiva de gramática baseada no uso. **Work. Pap. Linguíst.**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 128-150, jan.-jul. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2020v21n1p128/43856>>. Acesso em: 30 jun. 2020.

FREITAG, Raquel Meister Ko. O domínio funcional tempo-aspecto-modalidade na expressão do passado imperfectivo no português falado no Brasil. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 139-170, 2010.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Variação em categorias verbais: correlações entre forma e função. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 1.121-1.132, maio-ago. 2011.

FREITAG, Raquel Meister Ko; ARAUJO, Andréia Silva. Passado condicional no português: formas e contexto de uso. **Caligrama**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 199-228, 2011. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/275251174_O_

passado_condicional_formas_e_contextos_de_uso>. Acesso em: 20 jun. 2020.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: an introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001

GIVÓN, Talmy. **Bio-linguistics: the Santa Barbara lectures**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002.

GIVÓN, Talmy. **English grammar: a functional-based introduction**. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins Company, 1993.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishig Company, 1995.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: an introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HIRATA-VALE, F. B. M. **A expressão da condicionalidade no português escrito do brasil: contínuo semântico-pragmático**. 2005. 149 f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2005

ILARI, Rodolfo. **A expressão do tempo em português**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. (Repensando a língua portuguesa).

MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* **Gramática da língua portuguesa**. 5. ed. Lisboa: Almedina, 2003.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo. Editora: UNESP, 2011.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática do português falado**. 2. ed. São Paulo: Humanistas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

OLIVEIRA, Fernando Augusto de Lima. **A variação na**

apódose entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em contextos hipotéticos na fala de alagoanos:

as categorias semântico-discursivas de tempo, aspecto e modalidade. 2016. 151 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

OLIVEIRA, Taís Peres de. A relevância do modelo em camadas para o estudo de estratégias comunicativas atualizadas pelas condicionais. *In*: PEZATTI, Erotilde G. (org.). **Pesquisas em gramática funcional**: descrição do português. São Paulo: Ed. UNESP, 2009. p. 373-383.

OLIVEIRA, Taís Peres de. **As conjunções e orações condicionais no português do Brasil**. 2008. 155 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Faculdade de Ciência e Letras, Araraquara, São Paulo (SP), 2008.

OLIVEIRA, Taís Peres de. Conjunções adverbiais no português. **Rev. Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 45-66, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/viewFile/5754/5025>> Acesso em: fev. 2019.

OLIVEIRA, Taís Peres de; A construção [Supondo_que]CON. **Revista Estudos Linguísticos**, [s. l.], v. 48, n. 1, p. 370-383, abr. 2019. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/download/2372/1500>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

OLIVEIRA, Taís Peres de; HIRATA-VALE, Flávia Bezerra. A condicionalidade com zona conceitual. **DELTA[online]**, [s. l.], v. 33, n. 1, p. 291-313, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0102-445093873435053141>>. Acesso em: 21 jun. 2020.

PALMER, Frank Robert. **Mood and modality**. Cambridge Textbooks in Linguistics. New York: Cambridge University

Press, 2001.

REICHENBACH, Hans. **Elements of symbolic logic**. New York: The MacMillan Company, 1947.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

ROST SNICHELOTTO, Cláudia Andrea. **Variação e mudança no português do oeste de Santa Catarina**. Plano de Trabalho Chamada Pública FAPESC n. 4/2012 Universal.

ROST SNICHELOTTO, Cláudia Andrea. **A escrita da região oeste de santa catarina: variação e mudança linguística**. Plano de trabalho chamada pública FAPESC nº 03/2018.

SOUSA, Gisele Cássia. Quando tempo é condição. *In*: PEZATTI, Erotilde G. (org.). **Pesquisas em gramática funcional: descrição do português**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009. p. 357-372.

TRAUGOTT, Elizabeth.; TROUSDALE, Graeme. **Constructionalization and constructional changes**. United Kingdom: [s. n.], 2013.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. 5. ed. Uberlândia: EDUFU, 2014.